

O LEITOR NAS OBRAS DE JAUSS E MANGUEL: TRAÇANDO PARALELOS COM A LEITURA DE AUTOBIOGRAFIA ESPIRITUAL, DE SIMONE WEIL

THE READER IN THE WORKS OF JAUSS AND MANGUEL: DRAWING PARALLELS WITH THE READING OF SPIRITUAL AUTOBIOGRAPHY, BY SIMONE WEIL

EL LECTOR EN LAS OBRAS DE JAUSS Y MANGUEL: ESTABLECIENDO PARALELOS CON LA LECTURA DE LA AUTOBIOGRAFÍA ESPIRITUAL DE SIMONE WEIL

 Carolina Cavalcanti Bezerra¹

 Emanuelle Valéria Gomes de Lima²

 Maria Simone Marinho Nogueira³

1. Graduação em Filosofia. Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade. Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). carol.cavalcanti.bezerra@gmail.com.
2. Graduação em Letras. Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade. Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). emanuelle.limaa@hotmail.com.
3. Doutora pela Universidade de Coimbra e Professora do Departamento de Filosofia e do Programa de Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). mar.simonem@gmail.com

RESUMO: Este artigo propõe discussões acerca da Estética da Recepção e do papel fundamental do leitor enquanto agente principal na constituição de uma obra, a partir dos estudos de Jauss (2002) e Manguel (2017), que compreendem as obras *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção* e *O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça*, respectivamente. Paralelamente, as discussões se entrelaçam às análises do gênero carta, especificamente da carta *Autobiografia Espiritual* (1942), escrita por Simone Weil, contida em sua obra *Espera de Deus* (2019). As cartas fazem do leitor a principal figura de seus textos e nos conduzem a analisar o modo como o gênero contribui para discussões na literatura, por este motivo, alguns aspectos serão considerados e elencados neste estudo, tais como o leitor enquanto sujeito, a recepção da carta, o distanciamento estético entre a obra e o leitor, seu diacronismo e sincronismo, seus efeitos etc. Para embasar nosso debate, perspectivas de autores como Umberto Eco (2014), Gérard Langlade (2013), Stuart Hall (2006), entre outros, corroboram com o cerne de nossas questões.

Palavras-chave: Leitor. Recepção literária. Carta. Autobiografia.

ABSTRACT: This article proposes discussions about the Reception Aesthetics and the fundamental performance of the reader as the main agent in the constitution of a narrative, based on the studies of Jauss (2002) and Manguel (2017), which comprise the books *Literature and the reader: texts on the aesthetics of reception* (tradução própria) and *The reader as a metaphor: the traveller, the tower and the moth* (tradução própria), respectively. At the same time, the discussions intertwine with the analysis of the letter genre, specifically the letter *Spiritual Autobiography* (1942) (tradução própria), written by Simone Weil, contained in her book *God's Wait* (2019) (tradução própria). The letters make the reader the main figure of their texts and lead us to analyze how the genre contributes to discussions in the literature, for this reason, some aspects will be considered and listed in this study, such as the reader as a subject, the reception of letter, the aesthetic distance between the book and the reader, its diachronism and synchronism, its effects, etc. To support our debate, perspectives from authors such as Umberto Eco (2014), Gérard Langlade (2013), Stuart Hall (2006), among others, corroborate the core of our questions.

Keywords: Reader. Literary reception. Letter. Autobiography.

RESUMEN: Este artículo propone discusiones sobre la Estética de la Recepción y el papel fundamental del lector como agente principal en la constitución de una obra, a partir de los estudios de Jauss (2002) y Manguel (2017), que comprenden las obras *La literatura y el lector: textos de estética de la recepción* y *El lector como metáfora: el viajero, la torre y la polilla*, respectivamente. Al mismo tiempo, las discusiones se entrelazan con el análisis del género de la carta, específicamente la carta *Autobiografía Espiritual* (1942), escrita por Simone Weil, contenida en su obra *Espera de Dios* (2019). Las cartas hacen del lector la figura principal de sus textos y nos llevan a analizar cómo el género contribuye a las discusiones en la literatura, por eso, algunos aspectos serán considerados y enumerados en este estudio, tales como el lector como sujeto, la recepción de la carta, la distancia estética entre la obra y el lector, su diacronismo y sincronismo, sus efectos, etc. Para apoyar nuestro debate, las perspectivas de autores como Umberto Eco (2014), Gérard Langlade (2013), Stuart Hall (2006), entre otros, corroboran el núcleo de nuestras preguntas.

Palabras-claves: Lector. Recepción literaria. Carta. Autobiografía.

Recebido em: 05/06/2023

Aprovado em: 30/07/2023



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

Introdução

O presente artigo, inicialmente, apresentará algumas contribuições da Estética da Recepção tomando como ponto de partida o movimento de transformação que tira o foco da análise literária do texto e transfere-o para o olhar do leitor sobre a obra. O método recepcional, conforme aponta Umberto Eco (2014) em sua obra *Lector in Fabula*, vê o livro como um organismo preguiçoso, sendo o leitor o responsável por preencher os elementos vazios da narrativa; o que torna o texto literário vivo quando novas interpretações são experienciadas e permitidas através da leitura. Eco trata o livro como um repositório de palavras, informações e relatos que só terão valor a partir do olhar do leitor, que se esforçará para interpretar as mensagens, conferindo ao livro novos significados.

Nossas discussões também girarão em torno da Estética da Recepção ou Teoria da Recepção em que o leitor tem papel fundamental e, assim, embasaremos nossa escrita e análises a partir de perspectivas presentes nos livros *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*, de Hans Robert Jauss (2002), como também *O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça*, de Albert Manguel (2017), que aborda o leitor como o centro das atenções.

Posteriormente, travaremos, ainda que primariamente, diálogo com as discussões e autores acima mencionados a partir da análise do gênero epistolar carta, que também traz consigo o leitor como figura fundamental e indispensável. Tais gêneros literários carregam mais do que simples transcrições de afetos e emoções; transportam reflexões políticas, sociais e filosóficas que nos interessam. Nessa medida, a análise será realizada tendo por base a carta *Autobiografia Espiritual* (1942), da filósofa francesa Simone Weil, que contextualizaremos mais adiante neste artigo.

Tendo pontuado nossos interesses e delimitado a escrita, entendemos que a literatura, primeiramente, deve ser classificada nesse contexto como um sistema que ao longo dos séculos vem sendo estudada e revisitada a partir de alguns vieses. Como um sistema ou uma categoria, a literatura existe e sobrevive por meio de sua materialidade (o livro), redigido por alguém (o escritor), dado a conhecer a um sujeito (o leitor) e por meio de uma ação (a leitura). Ao longo dos anos, esse sistema histórico literário, do qual faz parte a literatura, vem sofrendo transformações, do código para os hipertextos, por exemplo, ou ao dar maior ou menor ênfase aos seus componentes. Ou seja, durante muitos anos o autor e seu texto eram tidos como inabaláveis e inquestionáveis em sua escrita e em suas concepções imaginárias ou realistas do cotidiano. Nesse caso, os estudos literários tinham o olhar exclusivamente voltado para o autor e suas obras traziam informações analisadas isoladamente.

Veremos que com o passar dos anos, os estudos literários, e até mesmo o mercado editorial, vêm mudando seu foco e dando mais importância ao leitor e seu processo de significação sobre uma obra. Sendo assim, propomos reflexões neste contexto, inclusive apoiando que o leitor tenha papel de destaque em detrimento do autor da obra, embora não discordemos de Umberto Eco (2011) quando ele aborda o tema da fidelidade e do respeito na liberdade de interpretação⁴.

⁴ Escreve Eco: “A LEITURA DAS OBRAS (sic!) literárias nos obriga a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade da interpretação. Há uma perigosa heresia crítica, típica de nossos dias, para a qual de uma obra literária pode-se fazer o que se queira, nelas lendo aquilo que nossos mais incontroláveis impulsos nos sugerirem. Não é verdade. As obras literárias nos convidam à liberdade de interpretação, pois propõem um discurso com muitos planos de leitura e nos colocam diante das ambiguidades e da linguagem e da vida. Mas para poder seguir neste jogo, no qual cada geração lê as obras literárias de modo diverso, é preciso ser movido por um profundo respeito para com aquela que eu, alhures, chamei de intenção do texto”. Em seguida ele dá vários exemplos sobre isso, como a ideia de que ninguém respeitará a opinião de alguém, se este afirmar que Hamlet desposou Ofélia, ou dizer que o Super-homem não é Clark Kent”. (Eco, 2011, p. 12-13)

Leitor como sujeito

Ao refutar o cenário crítico da literatura, Hans Robert Jauss (2022) no livro *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*, investe contra a noção que fecha a obra literária numa interpretação única e imutável, o que tornaria a historiografia literária ou impossível ou decadente. Sob esta perspectiva, a crítica precípua do autor é relacionada ao fato de que estudos anteriores ignoravam o papel do leitor na experiência literária. Para ele, está no leitor, que deve ser entendido como leitor socializado e inserido em contextos históricos concretos, a resposta e a chave para a experiência literária.

Assim, notamos que o leitor não é uma tábula rasa sobre a qual o texto vai imprimir seu sentido. Ao contrário disto, diante de um texto literário, ele traz consigo o repertório de obras já lidas, os valores e ideias que regem o sistema literário a que pertence e, desse modo, aspectos advindos do seu contexto serão molduras através das quais vai interpretar um texto/obra.

Neste caso, Jauss afirma o papel do leitor como verdadeiro destinatário da literatura e cria nos anos de 1960 o conceito denominado como Estética da Recepção. Também conhecida como Teoria da Recepção, o conceito se desenvolve nas décadas seguintes tanto na Alemanha quanto nos Estados Unidos e propõe uma reformulação da historiografia literária e da interpretação textual. Procura, também, romper com o exclusivismo da teoria da produção e da representação estética tradicional, entendendo a literatura a partir de três pilares: produção, recepção e comunicação em uma relação dinâmica entre autor, obra e público. Estabelece, assim, pela reconstrução do processo de reprodução e de seus pressupostos, a dimensão histórica da pesquisa literária.

Portanto, a Estética da Recepção desloca o foco de investigação, retirando-o da dicotomia autor-obra, para buscar a relação entre texto e leitor. Muda, nesse sentido, o foco dado pelo formalismo russo⁵ (1910 a 1930) até então vigente e que considerava somente a organização interna de um texto como uma estrutura imutável e não se dirigia ao leitor; diferente da Estética da Recepção, onde aquele (o leitor) se torna condição de vitalidade da literatura como instituição social.

A partir desse processo de comunicação entre escritor-obra-leitor, é possível estabelecer uma compreensão histórica da literatura, baseada na experiência estética do leitor. Sendo assim, o leitor é a figura central da renovação historiográfica proposta por Jauss (2002). Como figura central e destinatário dos textos, o leitor constrói perspectivas literárias, a partir de saberes prévios que lhe permitem compreender e estabelecer uma obra. A isso, chamamos de “horizontes de expectativas”.

O “horizonte de expectativas” é um sistema de referências que se pode construir em função das expectativas que resultam do conhecimento prévio do gênero, da forma e da temática de obras já conhecidas. No caso das cartas, tais referências estão contidas nas memórias provenientes do remetente, do destinatário e do tempo recordado.

De acordo com Jauss (2002), uma obra de valor estético, e de qualidade, contraria o horizonte de expectativas do leitor, obrigando-o a reestruturar o horizonte interno de suas percepções, fazendo com que este esteja aberto a novas descobertas. Diante do texto ficcional, o leitor é forçosamente convidado a se comportar como um estrangeiro que a dado instante se pergunta se a formação de sentido que está fazendo

⁵ Voltado para o estudo da linguagem poética a partir de um método científico próprio onde as abordagens psicológicas e histórico-culturais seriam deixadas de lado em detrimento de uma literatura por si só, ou seja, de algo que a distinguisse de outras atividades humanas e que se comprometesse com os fatos literários em primeiro lugar.

é adequada à leitura que está cumprindo. Os textos são enunciados com vazios⁶ que exigem do leitor o seu preenchimento e este se realiza mediante sua projeção.

Portanto, não podemos partir da premissa de que todos os leitores concretizam determinados constituintes de modo idêntico, se considerarmos os atos de apreensão e as sínteses passivas como as fases transcendentais da ação receptiva. Em outras palavras, o leitor recebe e interpreta um texto/obra segundo a sua subjetividade. Suas experiências e conhecimento de mundo se entrelaçam a esta leitura. Sendo assim, é muito difícil a especificação de um modelo de leitor.

É isto que explicita Gerárd Langlade (2013), em artigo intitulado *O sujeito leitor, autor da singularidade da obra*. Ele afirma que os ecos subjetivos marcados nas leituras individuais são indícios de uma apropriação do texto, assim, são também uma singularização da obra realizada pelo leitor. Nesse caso, a marca da leitura nas experiências de mundo específicas dos sujeitos leitores seria um lugar em que as obras literárias se tornariam infundáveis.

O autor explica ainda que as reações subjetivas, ao invés de excluir as obras para “fora da literatura”, seriam, na verdade, catalisadoras de leituras que alimentariam o trajeto interpretativo até a sua dimensão reflexiva. Logo, compreendemos que o leitor interpreta um texto segundo a sua subjetividade, seus conhecimentos. Suas experiências e o que conhece se entrelaçam a tal leitura, fazendo do leitor um sujeito. A participação de cada leitor no acabamento da obra constitui o próprio movimento de nossa adesão viva à obra, aquilo que nos faz habitantes dela e não mais estrangeiros.

Dito isto, percebemos que a partir do século XX o leitor passa a ter maior relevância para os estudos literários e concepções positivistas anteriores vão sendo deixadas de lado. O leitor preenche o texto de significados com sua leitura que se dá a partir da imaginação e a ele agrega suas experiências de vida e de mundo. A segunda leitura sempre é diferente da primeira, pois nesta está inserida a experiência da primeira e assim sucessivamente, ou seja, não lemos o mesmo texto da mesma forma quando o lemos uma segunda ou uma terceira vez.

Dessarte, não podemos deixar de destacar a importância da recepção⁷. Uma obra está fadada ao esquecimento ou ao não reconhecimento como tal se não houver leitores que a recepcionem, a entendam, dialoguem e a divulguem. Sendo assim, para que ocorra a recepção é preciso que o horizonte do leitor entre no horizonte do texto. Isto é, o leitor tem uma carga de conhecimento, mas nem sempre tem todas as respostas para os questionamentos feitos em um livro. Essa distância estética (JAUSS, 2002), ou seja, o contato entre horizontes de leitura, que conservam certa distância entre o texto e o autor, é relevante na medida em que, quanto maior essa distância, mais provocativo e libertário será o texto.

Desta forma, há a necessidade de agregar a este sujeito leitor suas subjetividades para uma nova concepção do ato de ler e de interpretar textos. Posto isso, o texto nos provoca a aceitar a carga histórica, cultural, social e psicológica que o leitor traz consigo para o ato de ler e de reinterpretá-lo a cada nova leitura. No texto *A Literatura e o Leitor* (2002), os autores afirmam a urgência em considerar as emoções

⁶ Como escreve Eco, fazendo referência a Ducrot (1972): “Um texto distingue-se, porém de outros tipos de expressão por sua maior complexidade. E motivo principal de sua complexidade é justamente o fato de ser entremeado do *não-dito*. [...] “Não-dito” significa não manifestado em superfície, a nível de expressão: mas é justamente este não-dito que tem de ser atualizado a nível de atualização do conteúdo. E para este propósito um texto, de uma forma ainda mais decisiva do que qualquer outra mensagem, requer movimentos cooperativos, conscientes e ativos da parte do leitor”. (Eco, 2004, p. 36)

⁷ Para Stuart Hall (2016), a linguagem e seu uso funcionam como estruturas de poder, pois as pessoas se apresentam como produtoras e consumidoras de cultura ao mesmo tempo. O entendimento pós-gramsciano sobre hegemonia cultural de Hall é baseado na produção sociocultural em dois polos: o do “consentimento” e o da “coerção”. Hall sempre defendeu a necessidade de um posicionamento reflexivo e crítico do uso da linguagem. Sua compreensão é fundamental para entender a cultura e a construção de identidade dos povos e das sociedades.

e as concepções do leitor, até para torná-lo um melhor leitor. O possível “apagamento” da literatura nesse primeiro momento pode ser superado ao se dar destaque ao leitor e suas concepções imaginárias (vivências, conhecimentos literários, entre outras) trazendo-as para o ato da leitura.

Ademais, apresentamos as transformações da literatura com relação ao leitor, a partir de concepções metodológicas específicas que se constituem historicamente e que também seguem o mesmo percurso descrito anteriormente (autor-texto-leitor). A década é a de 1960 com o surgimento da Estética da Recepção na Alemanha e a de 1970 com a História Cultural, na França. O surgimento de teorias recepcionais nos estudos literários vem colocar de vez o leitor como o agente mais importante no ato de significar um texto.

Alguns nomes surgem em destaque nos estudos sobre Estética da Recepção, como o de Roman Witold Ingarden, filósofo e teórico literário polonês, que afirmava que uma obra literária só se constitui se houver compreensão por parte dos leitores. Nesse mesmo caminho, Hans-Robert James, escritor e crítico literário alemão, se preocupava com o efeito que a obra tem em seus leitores ao longo do tempo e Wolfgang Iser, professor alemão de língua inglesa e de Literatura Comparada, que foi um dos percursores da Teoria da Recepção, buscava compreender como os textos são recebidos por seus leitores.

Não apenas Jauss, Ingarden, James e Iser colocam o leitor no centro das interpretações literárias, como também reforçam que uma obra literária só se constituirá ao longo dos anos em um “monumento”, (Cf. Le Goff, 1996) que pertence a uma “memória coletiva”, (Cf. HALBWACHS, 2006) se ela trazer novos significados e novo leitores (Cf. JAUSS, 2002) e somente se o leitor com suas concepções imaginárias de mundo preencher as lacunas em branco deixadas pela obra literária. (Cf. ISER, 2002).

Importante destacar, no entanto, que em *A Literatura e o Leitor* (2002), reforça-se a importância de um leitor especializado⁸, crítico, carregado de concepções, que entenda dos gêneros literários, das regras gramaticais e que seja compreendido em seu tempo. Na mesma obra, Wolfgang Iser destaca três tipos de leitor: o real, que se coloca em frente ao texto e o absorve; o fictício, que interage com a narrativa do autor; e o ideal, aquele idealizado pelo autor como sendo apto a se aprofundar nas perguntas e respostas propostas pelo livro.

A literatura e o leitor caminham e evoluem juntos. Os autores citados anteriormente afirmam que uma obra literária só se constituirá ao longo do tempo se for bem recebida, interpretada, compreendida e trazer consigo novas interpretações propostas pela ruptura dos horizontes de expectativas contidas numa leitura inicial. O texto afirma em suas entrelinhas que há sempre um novo leitor e uma nova interpretação a cada nova leitura de um mesmo texto. Dito isto, passemos ao nosso próximo estudioso.

O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça (2017), de Albert Manguel, nos apresenta três tipos de leitores e a metáfora⁹ é apresentada inicialmente como um empobrecimento da linguagem, um recurso utilizado para dar explicação aos fatos que não eram compreendidos e que, segundo Aristóteles (2008), seu uso só deveria ser feito se houvesse leitores que a compreendessem¹⁰.

⁸ Por mais que seja difícil falar de um leitor, em um sentido universal e homogêneo, a própria crítica que estamos apresentando parece partir da ideia de um modelo de leitor, qual seja, a de um leitor especializado. Ora, isso também pode ser passível de crítica, embora não seja o objetivo do nosso artigo e por isso não será abordado aqui.

⁹ Figura de linguagem que através de comparações produz novos significados. No contexto do título do livro, uma traça se refere a um “rato de biblioteca”, que consequentemente se refere a um voraz consumidor/leitor de livros.

¹⁰ Pois, segundo Aristóteles (2008, p. 90, 1459a 5-8) é “importante aplicar convenientemente cada um dos modos de expressão [...], e ser, acima de tudo, bom nas metáforas. De facto, esta é a única coisa que não se tira de outrem e é sinal de talento, porque construir bem uma metáfora é o mesmo que perceber as semelhanças” e dar ao leitor a possibilidade de compreensão da narrativa por mais de uma referência.

Albert Manguel retrata três tipos de leitores, os quais denomina de: o viajante, a torre de marfim e a traça. Ao leitor viajante o autor confere às características de um leitor que conhece novas realidades, novos mundos, através da leitura. Este leitor compreende uma jornada que tem paralelo com a própria vida e enxerga o arquivo de nossa experiência e da experiência do mundo. Leva-se em consideração, sobretudo, o papel subjetivo do leitor, suas experiências e conhecimentos pré-existentes dentro do processo de leitura. Além disso, Manguel ainda cita diversas passagens bíblicas a fim de exemplificar esse leitor viajante, fazendo alusão à leitura bíblica enquanto peregrinação. E, também, estabelecendo relações com a *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, procurando demonstrar os diferentes status da leitura no tempo. O primeiro leitor, o “viajante”, é aquele que conhece tudo a partir das palavras. Todo o seu conhecimento está nos livros e, assim, ele vive explorando e conhecendo o mundo (sua metáfora é “o mundo é um livro aberto”)¹¹.

O segundo conceito/metáfora explicitado por Manguel diz respeito à “torre de marfim”, cenário em que o leitor intelectual se isola e mergulha nos livros para adquirir conhecimento. Há, no entanto, aspectos positivos e negativos em relação a esta categoria: a reclusão e o refúgio são necessários para uma boa reflexão, mas ao se isolar, o leitor que o faz por pensar no intelecto, pode tornar-se alheio e ignorante ao apenas ler e não praticar nenhuma ação em prol daquilo que está lendo, correndo o risco de se tornar um ser passivo diante da sociedade.

A “torre de marfim”, cujo simbolismo pode remeter à pureza, castidade, mas também ao enclausuramento necessário para que o afastamento/distanciamento dê ao leitor o máximo de tranquilidade para absorver conhecimentos, nos entrega um leitor que é visto por muitos como preguiçoso por optar pelo isolamento. Porém, este leitor que tem a possibilidade de transmitir seus conhecimentos através da escrita, resulta para nós num novo autor, até com mais conhecimento que qualquer outro.

O último conceito estabelecido por Manguel é o do leitor simbolizado como uma “traça”, aquele devorador de livros, que lê em excesso, mas sem aprofundamento e que não distingue o ficcional do real. A “traça” adquire muitos livros “para acalmar a alma”, mas não absorve todos os seus ensinamentos. Este é o leitor que devora palavras, come livros, mas não os compreende. (Cf. MANGUEL, 2017).

Ao final da leitura da obra de Manguel que é cheia de iluminuras que abrem cada novo capítulo e que descrevem os três tipos de leitores a partir de suas metáforas, nos fica a reflexão sobre qual seria o leitor ideal. O autor sugere que o leitor ideal seja o viajante, mas este deve optar pelo espaço silencioso da torre de marfim (metáfora para biblioteca, por exemplo) para conhecer o mundo. O leitor ideal não seria apenas um, mas sim a união de duas metáforas.

É possível notar nas obras mencionadas, que o leitor tem papel fundamental na leitura (ato) e na concepção de uma obra literária (sistema) e até mesmo no sucesso e sobrevivência de um livro ao longo do tempo. Nos parece claro como e porque o foco dos estudos literários evoluiu ao longo dos anos (autor→texto→leitor). Será o leitor ou a leitora, eu ou você, segundo os livros e autores ora apresentados, que daremos a um texto o caráter de obra literária merecedora de estudos estéticos e recepcionais. Suas implicações interpretativas, com o status necessário para o aprofundamento de seus estudos, virá de cada nova pesquisa que busque, a partir de um novo leitor ou uma nova leitora, trazer à luz os conhecimentos ainda não inteligíveis.

¹¹ “O livro é um mundo através do qual podemos viajar porque o mundo é um livro que podemos ler” (Manguel, 2017, p. 48). No texto de Manguel também se abre espaço para uma discussão atual em que, de modo geral, não há tempo para a solidão de uma leitura abarcada em livro físico. Sendo assim, os viajantes do *cyberespaço* realizam leituras fragmentadas e, por isso, limitadas. Uma leitura e um leitor mais pobres.

Partindo do que foi apresentado até o momento, buscaremos a partir da interlocução entre a análise conceitual proposta, correlacionar aspectos recepcionais da Estética da Recepção (texto→leitura) com os aspectos interpretativos (leitor→subjetividades) possíveis na análise da carta *Autobiografia Espiritual* de Simone Weil (1909-1943).

Destacamos que as práticas comunicativas do gênero textual, em que a língua e a realidade social estão sempre em construção por seus atores sociais, são resultado de fatores socioculturais (interação) e cognitivos (interpretação) que não podem ser deixados de lado, pois “os gêneros textuais se apresentam como forma de ação social para viabilizar e construir a interação verbal, por conseguinte, como forma de instaurar as práticas de socialização dos (e entre) os sujeitos” (SILVA, 2022, p. 25).

Propomos assim que as interlocuções teóricas sejam feitas a partir de uma das cartas contidas na obra *Espera de Deus*: textos escritos, de 19 de janeiro a 26 de maio de 1942 (2019), quer dizer, uma coletânea de cartas e textos escritos por Simone Weil. A partir da compreensão de que a forma textual é um produto da linguagem em um tempo em que seus sujeitos a dominam e a modificam, se necessário, e entendendo que “os usuários de um gênero dispõem de um sistema de conhecimentos que compreendem o funcionamento textual, linguístico, discursivo, semântico-temático e interacional do gênero em uso” (SILVA, 2022, p. 41), é que dialogaremos com os fatores socioculturais e cognitivos presentes na escrita e na interpretação do leitor a cada novo tempo.

Para isso precisamos entender que as cartas evoluíram com o tempo em seu grau de importância, especialmente porque deixaram de ser simples meios de troca de mensagens e se tornaram, em alguns casos, por exemplo, memória de eventos históricos. Na obra de Simone Weil, suas palavras reforçam a sua busca por uma espiritualidade latente, desejada, mas ao mesmo tempo ainda dispersa, que foi se consolidando com a troca de correspondências com seu amigo Padre Perrin, com quem dialoga sobre sacramento, batismo e outras questões.

Importante também destacar que “a incursão pelo mundo das práticas comunicativas da carta pessoal leva o analista a participar das narrativas de um cotidiano íntimo e privado, de uma escrita de si” (SILVA, 2002, p. 16). Portanto, da intimidade de quem a escreve.

A leitura de cartas: aspectos recepcionais e interpretativos na escrita de si de Simone Weil a partir da Estética da Recepção

Para melhor entendimento e reflexão das discussões propostas neste artigo, a concepção do leitor e a história da literatura vão pressupor sete teses elaboradas por Jauss (2002). A primeira diz respeito à recepção do texto, já explorada anteriormente; a segunda se refere a distância estética entre o texto e o leitor, ou seja, quanto maior o “horizonte de expectativa” (saber prévio) entre o leitor e a narrativa da obra, mais instigante será lê-la, a ponto, inclusive, do surgimento de novas interpretações e modelos literários que poderão determinar seu caráter artístico. A terceira se refere à “história do efeito” que a obra tem no leitor ao longo do tempo; quarta, dar à obra literária o caráter de obra artística para que o leitor a enxergue simbolicamente e lhe dê novos significados e a devida importância; quinta, o aspecto diacrônico da obra literária, a saber, como ela foi lida em seu tempo; sexta, o aspecto sincrônico, ou seja, como a obra é experienciada na atualidade, mesmo que não seja nova; e por fim, o leitor em si, sendo compreendido como sujeito histórico, com concepções e subjetividades próprias nesse movimento dual diacrônico-sincrônico (Cf. JAUSS, 2002).

Autobiografia espiritual: aspectos recepcionais

Partiremos da leitura de alguns aspectos da carta *Autobiografia Espiritual* (WEIL, 2019, p. 29-50) escrita por volta 15 de maio de 1942, em Marselha e endereçada para o Padre Perrin. A escolha da carta se dá por esta conter algumas reflexões relevantes da obra da filósofa francesa Simone Weil que marcaram a trajetória de seu pensamento e de seus escritos: o batismo, a obediência e o sofrimento/infelicidade.

Weil começa a carta se desculpando pela extensão do texto e inicia retomando um assunto particular para ela: o batismo. Fala sobre a ausência e a presença de Deus em sua vida, sobre vocação e sobre sua atitude cristã no agir do cotidiano. Fala, também, da morte e de como ela é um objetivo a ser alcançado a partir da vocação individual de cada um em vida, além de reforçar a importância da obediência, tomando como exemplo o tempo em que atuou como operária nas fábricas francesas, onde buscou entender o conceito de opressão.

Na sequência da carta, a autora vai discorrer sobre a inteligência de seu irmão, algo que ela sentia faltar-lhe, segundo suas próprias palavras. Mas, para ela, o caminho da atenção poderá dar a qualquer um a condição de gênio. E ela assim o conseguiu, depois de dez anos de esforço de atenção, apesar das enxaquecas terríveis que tinha, agravadas pela exaustão do trabalho na fábrica e por sua própria fragilidade física.

Sobre o batismo, Weil argumenta que este nunca havia sido um problema de ordem prática em sua vida, já que suas atitudes cristãs lhe bastavam. E abandonar o interesse e as leituras sobre outras religiões não parecia ser algo possível para ela. Nas suas próprias palavras: “Eu sentia que não poderia honestamente abandonar meus sentimentos relativos às religiões não cristãs e a Israel” (WEIL, 2019, p. 37-38).

A autora considera a obediência uma virtude, assim como a beleza, virtude da graça e do desejo, da sua verdade em busca de Deus, do Cristo crucificado. O sentimento da autora ainda se cruza com o ideal de pobreza simbolizado em São Francisco de Assis, espelhado em Weil e no seu instinto de caridade cristã, que ela preferiu denominar de justiça. A aceitação dos desígnios de Deus, a atenção nos detalhes da vida que lhe salvaram de uma adolescência inquieta, a aproximaram cada vez mais de um ideal de vida cristã: de obediência/obrigação, dedicação, caridade e atenção.

Simone Weil não buscava o batismo ou mesmo ingressar na Igreja, onde seu amigo Perrin a aconselhava estar. A sua dedicação cristã pode ser verificada em seus escritos quando esteve trabalhando como operária em fábricas na França e lá pôde constatar todo o sofrimento dos trabalhadores em horas inesgotáveis de trabalho árduo e repetitivo, que ao final do dia lhe causavam a exaustão física, tirando-lhe seu momento de maior prazer, o da escrita. Mesmo assim, Weil tinha tempo para compartilhar seus conhecimentos com seus companheiros, bem como, sempre que se fazia necessário, renunciava a seus próprios rendimentos, por exemplo, para ajudar o próximo. Para Weil, como a marcação a ferro e fogo “[...] que os romanos impunham na frente dos seus escravos mais desprezados” (WEIL, 2005, p. 60), o trabalho nas fábricas era a marca do domínio, da submissão e da escravidão introjetados em seu corpo, pele e alma.

Com efeito, as experiências místicas de Weil partem de estados de dor e são descritas na carta em três momentos: um em Portugal e dois na França. Em absorto, Weil se entrega aos cânticos das mulheres de pescadores em uma vila portuguesa paupérrima, assim como estava seu estado físico, e se torna escrava em sofrimento junto a elas após dias extenuantes de trabalho na fábrica: “Lá tive de repente a certeza de que o cristianismo é por excelência a Religião dos escravos, que os escravos não podem deixar de aderir ao cristianismo, e eu entre os outros” (WEIL, 2019, p. 35).

Em outro momento, enebriada com a beleza da capela romana do século XII, se ajoelha, pela primeira vez na vida, no mesmo local que São Francisco rezou tantas vezes, em Assis, e se rende de joelhos em preces, afirmando que “algo de mais forte do que eu me obrigou, pela primeira vez na minha vida, a me colocar de joelhos (*Idem*, p. 35).

E, por fim, mesmo com dores intensas de cabeça, ao som do canto gregoriano em uma abadia em Solemes, enquanto participava dos festejos de Ramos e da Páscoa, ao recitar o poema Amor¹², como uma oração que a aproximou dos pensamentos da Paixão de Cristo, escreve: “acreditava que o recitava apenas como um belo poema, mas à minha revelia, essa recitação teve a virtude de uma oração” (*Idem*, p. 36). Nos três momentos, tomada pela exaustão (física e mental) Weil experientia¹³ o encontro com Deus: “foi durante uma dessas recitações que, como lhe escrevi, o próprio Cristo desceu e tomou conta de mim” (*Idem*, p. 36).

Os recortes destacados remetem às experiências místicas de Simone Weil e comungam com alguns dos aspectos mais marcantes de sua filosofia: o batismo, a obediência/obrigação e o sofrimento/infelicidade. Tais aspectos podem ser recepcionados pelo leitor a partir do distanciamento que se tem da obra e as novas interpretações que dela podem surgir (segunda tese), ou seja, é possível perguntar sobre o nosso horizonte de expectativa em relação à *Autobiografia espiritual* de Weil, assim como dar uma nova interpretação ao texto no que se refere a alguns conceitos lá apresentados, tornando-a não somente mais interessante em sua leitura, mas também mais relevante, tendo como ponto de vista o caráter de obra artística que o leitor lhe pode conferir (quarta tese).

Estética da Recepção: aspectos interpretativos da *Autobiografia Espiritual*

Tendo destacado algumas das questões relevantes da filosofia weiliana em seu texto, partimos agora para os aspectos interpretativos sugeridos pela Teoria da Recepção, que tem por objetivo, nos estudos literários, entrelaçar história e estética. À luz das sete teses de Jauss, em que as quatro primeiras se referem a estética literária em si, enquanto as três últimas refletem seu entendimento sobre a história literária, vejamos como estas podem auxiliar na busca por novos entendimentos sobre a obra e as conceituações de Weil aqui apresentadas.

A primeira tese diz que a condição histórica da literatura se dá através do diálogo entre leitores e uma obra literária. É interpretativa. Este diálogo deve ser dinâmico e para que isto ocorra, se pressupõe um saber prévio do leitor, que deve trazer consigo experiências de leitura e de vida, já pontuando assim a segunda tese da teoria.

Desta forma, sabemos que Simone Weil dedicou sua vida adulta aos mais necessitados. Ora, levando em consideração que Weil foi a primeira “mulher catedrática da França” (BINGEMER, 2006, p. 30) e que viu os operários como os novos escravos do século XX, podemos dizer que, este cenário foi uma

¹² De George Herbert (1593-1633), século XVII. “O Amor me acolheu, mas a alma minha se acovardou/culpada de pó e pecado./Mas clarividente, o Amor, vendo-me hesitar/desde o meu primeiro passo./aproximou-se de mim com doçura, perguntando-me/se algo me faltava./‘Um convidado’, respondi, ‘digno de estar aqui’./O Amor disse: ‘Tu o serás’./‘Eu, o mau, o ingrato? Ah, meu dileto,/não posso olhar-te’./O Amor me tomou pela mão, sorrindo respondeu: ‘Quem fez esses olhos, senão eu?’/‘É verdade Senhor, mas os sujei;/que vá a minha vergonha para onde merece’./‘E não sabes tu?’, disse o Amor, ‘quem tomou a condenação sobre si?’/‘Meu dileto, então servirei’./‘É preciso que tu te sentes’, disse o Amor, ‘que tu proves meu alimento’./Assim me sentei e comi” (O poema está em inglês e esta tradução encontra-se em Vannini, 2005, p. 39).

¹³ Experiência mística é um contato espiritual entre o ser humano e Deus, um experimentar algo que nos ultrapassa. Enquanto tal, trata-se de uma experiência subjetiva.

fonte importante para sua escrita. Cenário onde o dinheiro a todo custo era a meta a ser alcançada e os operários eram invisibilizados na linha de produção mecanizada, que tornavam doentes seus corpos e suas almas. Como escreve Bingemer (2006):

[...] Nos anos 30 a intelectual Simone vive junto aos operários franceses a crise do desemprego. Neles, em suas cortantes palavras, recebe na carne a marca da escravidão [...] A dolorosa experiência do trabalho fabril em condições de aguda exploração é alimento para as reflexões que marcam toda a sua trajetória como pensadora. [...] (BINGEMER, 2006, p. 30).

Foi a partir do trabalho e da luta como operária que Weil nos deixou sua última obra inacabada, o ensaio *O Enraizamento* de 1943. É com a leitura atenta desta obra maior, inacabada, porém densa e complexa, que buscamos um de seus mais importantes conceitos como base para nossas interpretações, complementando, portanto, a ideia de sofrimento apresentada em sua *Autobiografia espiritual*. Trata-se do conceito de desenraizamento. Ao abordar este conceito, e mais especificamente o desenraizamento operário, ela o faz, na citação abaixo, na sua relação com o dinheiro. Nos diz: Há uma condição social inteira e perpetuamente suspensa ao dinheiro, é o salariado, sobretudo desde que o salário por peça obriga cada operário a manter a atenção sempre fixa no cálculo do dinheiro. É nessa condição social que a doença do desenraizamento é mais aguda (WEIL, 2001, p. 44).

Nossa autora apresenta, nesta extensa e profunda escrita de sua última obra, o que para ela levaria à perda de identidade, da impossibilidade de novos conhecimentos e de uma vida digna: o extenuante trabalho nas fábricas. Este, que moía corpos e mentes, distanciava homens e mulheres da vida que se vivia fora delas. Com tanto cansaço, como poderiam os trabalhadores aprender outras coisas além do apertar dos parafusos? Quem conseguiria com tanto trabalho se preocupar, por exemplo, com questões políticas ou mesmo religiosas, colocando-os em seu papel de cidadãos? O chão das fábricas, que obrigavam e traziam tanto sofrimento, foi para Weil fundamental para o desenvolvimento de seu pensamento. E veremos que em sua *Autobiografia Espiritual*, escrita um ano antes da sua última obra, o desenraizamento se faz presente em suas entrelinhas: nas necessidades da alma.

São com estes momentos de dor e sofrimento que Weil (2019) divide com os leitores a infelicidade que carrega e que assim é relatada a Perrin:

Após o meu ano trabalhando na fábrica, antes de retomar o ensino, meus pais me levaram a Portugal, e eu os deixei para ir sozinha a um vilarejo. Minha alma e meu corpo estavam, de algum modo, em pedaços. Esse contato com o infortúnio tinha matado minha juventude. Até então eu não tinha tido a experiência da infelicidade [...]. Eu sabia que havia muita infelicidade no mundo, estava obcecada pelo assunto, mas jamais havia constatado isso através de contato tão prolongado (WEIL, 2019, p. 34).

O desenraizamento, do qual Weil (2019) também foi vítima, marca profundamente nossa filósofa, que assim continua descrevendo seu sofrimento em sua *Autobiografia Espiritual*, se colocando como uma igual ao lado de seus colegas operários:

Estando na fábrica, confundida aos olhos de todos e aos meus próprios olhos com a massa anônima, a infelicidade dos outros entrou na minha carne e na minha alma. [...] O que eu suportei ali me marcou de maneira tão duradora [...]. Recebi ali, para sempre, a marca da escravidão [...]. Desde então, passei a me ver como escrava (WEIL, 2019, p. 34).

Suas reflexões sobre a infelicidade (desgraça, infortúnio, *malheur*) ficam como legado para as atuais e futuras gerações, como nos aponta Bingemer (2009) ao descrever a relação entre o sofrimento e o desenraizamento no pensamento weiliano:

Simone Weil concebe a desgraça (*malheur*) como um desenraizamento da vida. Trata-se, para ela, de algo equivalente, ainda que de forma atenuada, à morte, tornado irresistivelmente presente à alma pelo golpe ou pela apreensão imediata da dor física. Esta é essencial à desgraça, pois, a dor apenas moral, entregue somente ao pensamento, pode produzir uma fuga do próprio pensamento. Só a dor física, portanto, não permite a fuga e, quando ela acontece, se produz um estado violento como o de um condenado que tem de olhar durante horas a guilhotina que o matará. Ela afirma que há seres que vivem isso e que apenas o olhar de Cristo em nós permite percebê-los (BINGEMER, 2009).

A teóloga brasileira fala sobre o engajamento de Simone Weil com os mais desfavorecidos e conclui “onde o outro padecia de qualquer tipo de necessidade, aí o coração de Simone Weil estava, transladando-se inteiro pela compaixão até a desgraça que vitimava o outro”.

Continuando com as teses de Jauss, a terceira vai afastar o horizonte de expectativas do leitor – seus referenciais – do horizonte de expectativas gerado pela obra. Este caráter estético é determinado pelo leitor nas diferentes épocas em que a obra for lida.

Para Jauss, o valor estético de uma obra se constrói com o distanciamento do leitor e a reconstrução de seu horizonte interno de percepções, ou seja, o de novas descobertas. Essa distância estética torna o texto mais provocativo e dentro da realidade do leitor, novos questionamentos e impressões são possíveis.

Um leitor com nenhum ou pouco conhecimento sobre a curta trajetória de vida de Simone Weil, ao se deparar à primeira vista com a informação de que ela não se alimentava corretamente em solidariedade aos que racionavam sua alimentação nos fronts de batalha (ou quando distribuía seu salário com companheiros de fábrica mais necessitados), poderia a considerar uma louca. Tal desconhecimento da vida e da obra da filósofa, que podemos ponderar como uma forma de distanciamento proposto por Jauss, traz ao novo e atento leitor uma revelação simples: para Weil, a determinação e a obediência ao que se quer e ao que se acredita, deveriam se refletir em suas ações. Como ela afirma: Não seguir um tal impulso, quando ele surge, mesmo que ele ordene coisas impossíveis, parecia-me o maior dos infortúnios. É dessa maneira que eu concebia a obediência, e coloquei essa concepção à prova quando entrei e permaneci na fábrica [...] (WEIL, 2019, p. 31).

O rigor necessário que Weil se impunha ao trabalhar nas fábricas se reflete no início da carta *Autobiografia Espiritual* e se desmembra em outras questões por ela levantadas durante o texto, como seu sentimento em relação à genialidade do irmão, seu ideal de viver em estado de pobreza e o desejo de Deus a quem busca como sua verdade.

Quanto ao espírito da pobreza, eu não me lembro de nenhum momento onde ele não tenha estado em mim, na medida em que, infelizmente fraco, ele era compatível com a minha imperfeição. Eu me apaixonei por São Francisco desde a primeira vez em que ouvi falar dele. Sempre acreditei e esperei que o destino me conduziria a isso um dia e me obrigaria a esse estado errante e de mendicância no qual ele entrou livremente. [...] (WEIL, 2019, p. 32).

Nas primeiras páginas de sua carta, onde afirma não aceitar o dogma cristão para si porque “tinha a impressão de ter nascido em seu interior”, Weil questiona a ausência de uma evidência da existência de Deus. A expectativa gerada durante a leitura é a de que Weil nos comprovaria nos próximos parágrafos de sua carta, a partir de qualquer indício, a existência de Deus. O nosso afastamento enquanto leitores, assim

como o afastamento de nossas crenças particulares, abrindo o leque para novas possibilidades interpretativas, são assim respondidas pela filósofa quando ela se questiona como poderia receber o batismo se “[...] Ao colocar-me como um problema a questão da verdade do dogma, ou mesmo simplesmente desejar chegar a uma convicção a esse respeito, acreditei que a probidade me faltava” (*Idem*, p. 33).

A forma como os leitores da época interpretaria as questões sobre o batismo pontuadas por Weil, sem terem nenhum conhecimento prévio de sua obra, é um mistério. Esse material transformado em livro, assim como todos os seus textos, vem sendo publicado após sua morte. Suas cartas, que trazem muito de seu pensamento, tinham destinatários específicos. Nós, leitores do hoje, somos aqueles que teremos a oportunidade de dar ao pensamento weiliano novas interpretações e uma maior abrangência. E este artigo se propõe ao analisar a *Autobiografia Espiritual* dar a sua obra o caráter estético literário que merece.

Na sequência (quarta tese), as percepções sobre os textos são construídas a partir de uma pergunta que se quer responder (construção de sentidos). Esta só pode se dar a partir da reconstrução do horizonte de expectativas de uma obra e é neste ponto que enquanto leitores da *Autobiografia Espiritual* nos perguntamos o que buscava Weil com sua carta “assustadoramente longa”¹⁴. Doente, com diagnóstico de tuberculose, pouco mais de um ano depois viria a falecer aos 34 anos no Sanatório de Grosvenor em Ashford, no condado de Kent na Inglaterra, no dia 24 de agosto de 1943. Não devemos descartar o poderoso pensamento místico de Simone, mas naquele momento talvez o que ela buscasse fosse a redenção por acreditar que poderia ter feito mais.

A quinta tese leva em consideração o aspecto diacrônico da obra, ou seja, a cada nova leitura novos sentidos surgem e, assim, os textos literários podem ser reavaliados. Tomemos a questão da fé, da “atitude cristã” de Weil como referência. Logo no início de sua carta, nossa filósofa se desculpa por não ter aceitado o batismo. Nós, leitoras, ao realizarmos uma primeira leitura do documento e pouco sabendo sobre como a religiosidade faz parte, ou não de sua vida, a não ser que é judia (filha de judeus, mesmo que como ela, não praticantes), podemos aceitar que sua repulsa se deva a um certo agnosticismo em relação ao ato de consagração espiritual católico ao lermos: “[...] Penso que se o senhor pudesse realmente compreender qual a minha situação espiritual não lamentaria de modo algum não ter me levado ao batismo” (WEIL, 2019, p. 29).

Na verdade, deveríamos aprofundar nossa leitura em outras questões que vão além de em qual seguimento religioso se insere e buscar as questões existenciais em Weil. Questões estas que se referem a alma racional, ao intelecto, como é predominante em sua filosofia.

Quando Simone escreve “penso que se o senhor pudesse realmente compreender qual a minha situação espiritual não lamentaria de modo algum não ter me levado ao batismo” e conclui com “mas não sei se isso é possível para o senhor”, inferimos que as diferenças religiosas são o problema, mas vejamos como ela prossegue:

O senhor não me trouxe a inspiração cristã em Cristo, pois quando eu o encontrei isso não estava mais por fazer; já tinha sido feito sem a intermediação de nenhum ser humano. Se assim não fosse, se eu já não tivesse sido arrebatada por Cristo, não apenas implícita, mas conscientemente, o senhor nada teria me dado, pois eu nada teria recebido do senhor (WEIL, 2019, p. 29-30).

¹⁴ “Esta carta é assustadoramente longa – mas como não há lugar para respondê-la – sobretudo porque já terei sem dúvida partido -, o senhor tem anos diante de si, se assim o quiser, para tomar conhecimento dela. Tome conhecimento, de qualquer modo, algum dia” (WEIL, 2019, p. 29).

Simone já abraçara muito antes à fé cristã, pois suas atitudes benevolentes a aproximavam de uma serva de Cristo. Weil mesmo afirma que: “eu nasci, cresci e sempre permaneci na inspiração cristã” e “lidava com os problemas deste mundo e desta vida tendo em vista o conceito cristão de maneira explícita e rigorosa” (WEIL, 2019, p. 30).

Na sexta tese, o aspecto sincrônico (caráter histórico da obra) e o diacrônico (sucessivas recepções da obra) se encontram buscando compreender a historicidade da obra. Ou seja, para nós enquanto pesquisadoras, há um diálogo contextual e histórico da obra com a atualidade e com nossa pesquisa. Na medida em que Weil e seus escritos, especificamente aqui representados por uma carta, se oferecem a novas interpretações, estamos atingindo nossos objetivos.

Na última tese, o aspecto diacrônico mais o sincrônico em comunhão com as experiências do leitor, resultam no rompimento com o horizonte de expectativas. E, desta forma, proporcionam o surgimento de uma crítica quando da leitura da obra, levando em consideração os efeitos estético, social, ético e psicológico, mas também do sujeito histórico (leitor).

O caminho trilhado pela escrita de Weil sobre a fé e o batismo em *Autobiografia Espiritual* é o mesmo caminho que nós leitoras percorremos desde a primeira leitura. De cegas, ao tentar compreender a importância da espiritualidade na vida e na filosofia weiliana, até a constatação de que em sua obra se apresenta algo que vai além da submissão aos dogmas cristãos, Weil assim como nós, constrói um pensamento crítico sobre a espiritualidade cristã que tem começo, meio e fim. Vai da negação à aceitação nas ações e mais objetivamente, no leito de morte.

O trabalho interpretativo desse sistema histórico literário a partir da *Autobiografia Espiritual* foi a base deste artigo e para entendermos um pouco mais a obra de Weil e os assuntos tratados em sua *Autobiografia*, tomamos como ponto de partida o nosso conhecimento prévio sobre obediência, batismo e sofrimento, para que a partir de suas pontuações, enquanto leitoras, fosse possível trazer novas interpretações aos demais leitores.

Considerações finais

Nossa proposta foi a de refletir sobre a escrita filosófica e mística de Simone Weil, filósofa francesa, judia de nascimento e cristã de alma e ações, que neste ano de 2023 completa 80 anos de sua morte, alçando-a ao patamar de escritora literária, despertando não somente o interesse do leitor dos bancos universitários, mas também daqueles leitores que buscam na leitura do gênero cartas, aprofundar o conhecimento sobre sua obra. Nossa filósofa não tem o mesmo alcance e reconhecimento que outros nomes, especialmente em relação aos filósofos homens, e é mais conhecida nos círculos de estudos teológicos, místicos e mais recentemente literários.

Como afirmamos no início deste texto, cartas são construções memorialísticas de um tempo histórico. Partindo de análises preliminares sobre a carta *Autobiografia Espiritual*, apresentamos alguns aspectos marcantes do pensamento de Simone Weil, como os conceitos de obediência, batismo e sofrimento, tão latentes neste texto e em seu pensamento e que foram analisados a partir do distanciamento entre o “horizonte de expectativa” do leitor (pesquisadoras) e da obra; propondo a partir dos estudos literários, novas possibilidades interpretativas do texto místico-filosófico de Weil.

Nosso referencial teórico propôs uma experiência estética que abriga pré-noções e permite a visualização ou a realização de novas experiências. Logo, as concepções de cada leitor que fala e pertence

a um lugar específico no mundo, idealmente, devem ser consideradas e abarcadas como fundamentais na recepção e na interpretação de obras que são socialmente escritas; lembrando que as cartas também carregam reflexões políticas, sociais e filosóficas.

Ler Simone Weil como uma obra literária, a distanciando de seu caráter filosófico, é um desafio que pretende quebrar conceituações prévias do que pode ou não ser estudado a partir do prisma dos estudos e teorias literárias, tais como a da Estética da Recepção. Nos parece possível, como propomos a partir das reflexões deste artigo, ler os conceitos weilianos a partir de uma ótica literária, onde o leitor é o responsável por preencher as lacunas do texto com novas possibilidades interpretativas, enquanto sujeito inserido em um contexto histórico, que traz consigo com suas experiências de mundo para o trabalho de interpretação de uma obra literária.

O leitor-sujeito da *Autobiografia Espiritual* é aquele que a cada nova leitura traz consigo suas subjetividades e conhecimentos para o texto até tornar-se parte dele, com respostas às perguntas propostas pelo texto, correspondendo assim, às expectativas do autor. Em nossa leitura inicial, dialogamos com os conceitos da Teoria da Recepção e especificamente com a importância do leitor (as pesquisadoras) na construção de novos significados sobre os conceitos de obediência/obrigação, sofrimento e batismo.

Nosso intuito foi trazer à luz a importância dos estudos das cartas e suas narrativas em primeira pessoa, tomando como referencial Simone Weil. Acreditamos que, se seus livros até então publicados fossem também analisados a partir do viés dos estudos literários, ou seja, sendo revisitados, encaixados e analisados em seu tempo histórico passado, mas também presente e futuro, tendo um leitor mais comprometido como sujeito histórico (que o interpreta a cada nova leitura), sua obra e seus pensamentos ganhariam mais leitores, como a própria filósofa desejou.

Referências

ARISTÓTELES. **Poética**. 3.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

BINGEMER, M. C. L. Simone Weil. A vida em busca da verdade. Entrevista concedida a Gilda Carvalho e Patrícia Fachin. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, n.313, novembro, 2009. Disponível em: IHU Online - Simone Weil. A vida em busca da verdade (unisinos.br) Acesso em: 12 mai. 2023.

_____. Migrações, desenraizamento e gênero: Uma leitura teológica e espiritual. **ESPAÇOS - Revista de Teologia e Cultura**, 14(1), 17–38. 2019 Disponível em: <https://itesp.emnuvens.com.br/espacos/article/view/389> Acesso em: 12 mai. 2023.

ECO, U. **Lector in Fabula**. A cooperação interpretativa nos textos narrativos. Trad. Atílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 2004.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, S. **Cultura e representação**. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.

JAUSS, H. R.; ISER, W.; STIERLE, K.; GUMBRECHT, H. U. **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. 2.ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BEZERRA, C. C.; LIMA, E. V. G.; NOGUEIRA, M. S. M. O leitor nas obras de Jauss e Manguel: traçando paralelos com a leitura de autobiografia espiritual, de Simone Weil. *Open Minds International Journal*. São Paulo, vol. 4, n. 3, p. 206-220, Mai, Jun, Jul, Ago/2023.

LANGLADE, G. O sujeito leitor, autor da singularidade da obra. In: ROUXEL, A. et.al. **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 4.ed. Campinas: Unicamp, 1996.

MANGEL, A. **O leitor como metáfora**: o viajante, a torre e a traça. São Paulo: Edições SESC São Paulo: 2017.

SILVA, J. Q. G. **Um estudo sobre o gênero carta pessoal**: das práticas comunicativas aos indícios de interatividade na escrita dos textos. 209f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2002.

VANNINI, M. **Introdução à Mística**. São Paulo: Loyola, 2005.

WEIL, S. **Espera de Deus**. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005.

_____. **Espera de Deus**: cartas escritas de 19 de janeiro a 26 de maio de 1942. Petrópolis: Vozes, 2019.

_____. **O Enraizamento**. Bauru: EDUSC, 2001.